

Entre o saber e o risco: A realidade da automedicação entre acadêmicos da saúde

Between knowledge and risk: The reality of self-medication among health science undergraduate students

Entre el saber y el riesgo: La realidad de la automedicación entre estudiantes de ciencias de la salud

Recebido: 30/09/2025 | Revisado: 08/10/2025 | Aceitado: 09/10/2025 | Publicado: 11/10/2025

Maria Eduarda Oenning Zaniolo

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7309-6842>
Universidade Paranaense UNIPAR, Brasil
E-mail: maria.zaniolo@edu.unipar.br

Mariana Cielo Pedrini

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6156-6355>
Universidade Paranaense UNIPAR, Brasil
E-mail: mariana.pedrini@edu.unipar.br

Anna Julia Mazzo De Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7646-9794>
Universidade Paranaense UNIPAR, Brasil
E-mail: anna.mazzo@edu.unipar.br

Talita Zaquette Camero

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1346-6261>
Universidade Paranaense UNIPAR, Brasil
E-mail: talita.camero@edu.unipar.br

Barbara Sackser Horvath

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9515-0682>
Universidade Paranaense UNIPAR, Brasil
E-mail: barbarahorvath@prof.unipar.br

Resumo

Introdução: A automedicação é uma prática muito comum no Brasil, porém se ministrada de forma incorreta pode se tornar um grave problema, resultando em consequências indesejáveis. **Objetivo:** Avaliar o risco da automedicação nos discentes do curso de Odontologia da UNIPAR da cidade de Cascavel-PR. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de cunho transversal e original, no qual foi utilizado um questionário digital referente a ingestão de medicamentos sem prescrição médica entre discentes dos cursos da área da Saúde da Universidade Paranaense. **Resultados:** A pesquisa avaliou 303 alunos, dos quais 77,22% eram do sexo feminino e a maioria tinha entre 18 e 24 anos (80,85%). Verificou-se que 51,72% relataram se automedicar frequentemente e 41,37% algumas vezes, totalizando mais de 90% dos participantes, em consonância com outros estudos sobre o tema. O sintoma mais citado para a automedicação foi a cefaleia, sendo os medicamentos mais utilizados os analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, devido à facilidade de acesso. Os principais fatores que influenciaram essa prática foram amigos, vizinhos e familiares (84,15%), além da propaganda (37,62%). Apesar de 63,69% afirmarem ter consciência dos riscos; 22,44% relataram reações adversas, como dor de cabeça (15%) e sonolência (19,14%). As fontes de informação mais utilizadas foram familiares e farmacêuticos. **Conclusão:** Os resultados reforçam que, embora frequente, a automedicação traz riscos relevantes, como resistência medicamentosa, interações e agravamento de condições clínicas, evidenciando a necessidade de campanhas educativas e maior fiscalização para minimizar a prática.

Palavras-chave: Uso Racional de Medicamentos; Medicamentos; Prescrição; Profissionais da saúde; Ensino e aprendizagem.

Abstract

Introduction: Self-medication is a highly prevalent practice in Brazil. However, when carried out improperly, it can become a serious problem, leading to undesirable consequences. **Objective:** To assess the risks associated with self-medication among undergraduate Dentistry students at Parana University (UNIPAR), in Cascavel, Paraná. **Methods:** This cross-sectional, original study employed a digital questionnaire addressing the use of medications without medical prescription among students enrolled in health-related courses at UNIPAR. **Results:** A total of 303 students participated, 77.22% of whom were female, with the majority between 18 and 24 years old (80.85%). Among them, 51.72% reported frequent self-medication and 41.37% occasional use, totaling over 90% of respondents, in line with findings from other studies. The most common symptom prompting self-medication was headache, and the most frequently used drugs included analgesics, antipyretics, and anti-inflammatory agents, due to ease of access. The main

influencing factors were advice from friends, neighbors, and relatives (84.15%), as well as media advertising (37.62%). Although 63.69% of participants reported being aware of the risks, 22.44% experienced adverse reactions, most frequently headache (15%) and drowsiness (19.14%). The main sources of information were family members and pharmacists. Conclusion: The findings reinforce that, despite its frequency, self-medication poses significant risks, including drug resistance, harmful interactions, and worsening of clinical conditions. These results highlight the urgent need for educational campaigns and stricter regulatory measures to reduce this practice.

Keywords: Rational Use of Medications; Drugs; Prescription; Health Professionals; Teaching and learning.

Resumen

Introducción: La automedicación es una práctica muy común en Brasil, sin embargo, si se administra de manera incorrecta puede convertirse en un grave problema, resultando en consecuencias indeseables. Objetivo: Evaluar el riesgo de la automedicación en los estudiantes del curso de Odontología de la UNIPAR de la ciudad de Cascavel-PR. Metodología: Se trata de un estudio de carácter transversal y original, en el cual se utilizó un cuestionario digital referente a la ingestión de medicamentos sin prescripción médica entre estudiantes de los cursos del área de la Salud de la Universidad Paranaense. Resultados: La investigación evaluó a 303 alumnos, de los cuales el 77,22% eran del sexo femenino y la mayoría tenía entre 18 y 24 años (80,85%). Se verificó que el 51,72% refirió automedicarse con frecuencia y el 41,37% algunas veces, totalizando más del 90% de los participantes, en consonancia con otros estudios sobre el tema. El síntoma más citado para la automedicación fue la cefalea, siendo los medicamentos más utilizados los analgésicos, antipiréticos y antiinflamatorios, debido a la facilidad de acceso. Los principales factores que influenciaron esta práctica fueron amigos, vecinos y familiares (84,15%), además de la propaganda (37,62%). A pesar de que el 63,69% afirmó tener conciencia de los riesgos, el 22,44% relató reacciones adversas, como dolor de cabeza (15%) y somnolencia (19,14%). Las fuentes de información más utilizadas fueron familiares y farmacéuticos. Conclusión: Los resultados refuerzan que, aunque frecuente, la automedicación conlleva riesgos relevantes, como resistencia medicamentosa, interacciones y agravamiento de condiciones clínicas, lo que evidencia la necesidad de campañas educativas y una mayor fiscalización para minimizar la práctica.

Palabras clave: Uso Racional de Medicamentos; Medicamentos; Prescripción; Profesionales de la salud; Enseñanza y aprendizaje.

1 Introdução

A automedicação é o ato de um usuário tratar sintomas através da utilização de medicamentos sem a prescrição médica, a medicação feita através do autoconhecimento, indicações ou sobras de receitas antigas (World Health Organization, 2000). No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, Port. nº 3916/98 – Política Nacional de Medicamentos), define a automedicação como o uso de qualquer medicamento sem acompanhamento, prescrição e orientação do médico ou dentista. A automedicação é uma prática muito comum no Brasil, e é um termo muito abrangente, pois se torna um grave problema se administrada de maneira inadequada, resultando em consequências indesejáveis, como a intoxicação, desenvolvimento de morbidades e resistência aos medicamentos (Behzadifar, 2020).

A automedicação ocorre cada vez mais devido ao fácil acesso aos medicamentos, a propaganda massiva, facilidade de comercialização e a grande variedade de informações médicas disponíveis, geralmente extraídas em sites, especialmente por estudantes, devido seu nível educacional e possuem maior capacidade em buscar informações. Outros fatores que contribuem para a automedicação são custos altos de consultas com um médico, falta de acesso aos serviços da saúde, experiências passadas de tratamentos, fazendo com que as pessoas utilizam os mesmos medicamentos. As grandes propagandas nas farmácias fornecem uma visão de que os medicamentos não possuem riscos para a saúde (Aquino, 2008). O Conselho Federal de Fármacia (CFF) afirma que entre Novembro/2018 e Abril de/2019 77% dos brasileiros realizaram o uso de medicamentos sem prescrição médica. Geralmente essa prática ocorre quando o indivíduo não se sente bem e decide tratar-se sem ajuda médica, apenas por indicação de outra pessoa, sendo eles amigos e familiares (Simões & Farache, 1988). Amaral (2011) afirma que a falta de órgãos reguladores e que fiscalizem efetivamente a propaganda, o número grande de farmácias e drogarias e a banalização da comercialização de medicamentos são fatores que contribuem para o aumento dessa prática que pode trazer riscos à saúde.

No livro “Tarja Preta” de Márcia Kedouk (2016), a autora revela que no Brasil há mais farmácias que padarias, a explicação para isso é que os brasileiros se acostumaram a pensar na farmácia como uma loja de conveniência, fazendo da cestinha da farmácia um carrinho de supermercados. Isto constitui uma possível explicação para o número de pessoas que se consideram dependentes da automedicação (Cruz, 2019). O Brasil possui mais de 65 mil farmácias e drogarias, uma proporção de 3,3 farmácias para cada 10 mil habitantes, número três vezes maior que o valor preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (Domingues, 2015).

Fatores sociais também têm contribuído cada vez mais a favor da automedicação, sendo eles econômicos, políticos e culturais, visto que nos dias atuais a difusão da mesma ocorreu no mundo todo (Araujo, 2007). Sendo assim, esse estudo visa investigar e analisar a prevalência da automedicação dos futuros profissionais dos cursos da área da saúde, além de detectar quais os medicamentos são mais utilizados durante a automedicação pelos discentes, investigar os principais riscos da automedicação e avaliar se os participantes, que são profissionais da saúde, estão trabalhando para que as pessoas façam uso racional.

2. Metodologia

O trabalho foi desenvolvido após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e Desenvolvimento (CEPEH) da Universidade Paranaense (UNIPAR), sob o CAAE: 88597525.9.0000.0109. A pesquisa contou com a participação de acadêmicos dos cursos de Biomedicina, Enfermagem e Odontologia da Universidade Paranaense, campus de Cascavel – PR.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, em uma investigação social em estudantes (Pereira et al., 2018) respondentes de questionários e, com emprego de estatística descritiva simples com classes de dados, e valores de frequência absoluta e, frequência relativa percentual (Shitsuka et al., 2014), a partir da aplicação de um questionário digital de própria autoria, onde constavam perguntas relacionadas aos estudantes, dados epidemiológicos e outras informações pertinentes ao estudo. Os dados foram examinados por meio de estatística descritiva e apresentados em gráficos.

3. Resultados e Discussão

A população do trabalho foi de 303 alunos, onde 77,22% eram do sexo feminino e 19,80% do sexo masculino, com idade média principal entre 18-24 anos (80,85%), tanto para homens quanto para mulheres.

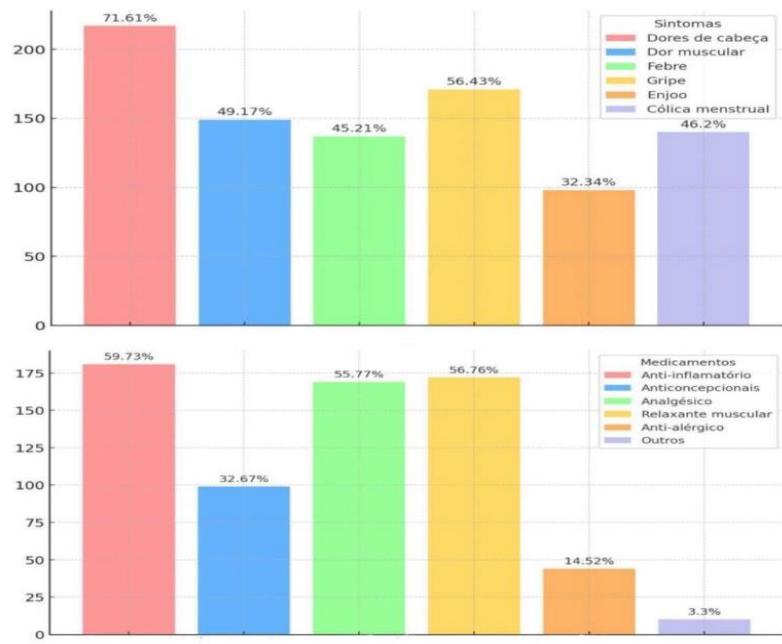
Com base nos dados da pesquisa, 51,72% dos alunos se automedicam frequentemente e 41,37% se automedicaram algumas vezes. Uma pesquisa feita pela revista de Investigação e Inovação em saúde em 2020 corrobora com este estudo, a pesquisa avaliou 301 pessoas e foi observado que 93,4% praticavam a automedicação, dos motivos questionados o que obteve o maior número de respostas foi a cefaleia (29,8%) e o grupo de medicamentos mais utilizados foram analgésicos/antipiréticos (34,6%) (Príncipe, 2020). Um dado onde mais de 90% dos participantes, sendo profissionais da saúde em formação, afirmam a frequência de automedicação, aponta para um cenário que falta consistência e robustez do uso consciente dos medicamentos. A pesquisa mostrou que a automedicação entre os alunos é muito influenciada por amigos, vizinhos e familiares (84,15%), enquanto a propaganda exerce também impacto considerável (37,62%). Isso evidencia o papel central das relações interpessoais na formação de hábitos de saúde, embora a mídia também contribua para estimular o consumo de medicamentos sem prescrição médica.

No que diz respeito a propagandas e a relação da mídia na automedicação, Oliveira (2020) pontua que a mídia desempenha papel fundamental na prevenção a este problema, tratando das informações de saúde com responsabilidade e ética, visto que o problema não está na falta de informações suficientes, mas sim, na qualidade dessas informações.

Segundo a pesquisa, o motivo mais comum para a automedicação entre alunos são dores de cabeça, sintoma geralmente visto como simples e rotineiro. Por sua vez, a classe de medicamentos mais utilizada sem prescrição são os anti-

inflamatórios, conhecidos pela facilidade do acesso. No entanto, apesar de populares, o uso frequente sem orientação pode trazer riscos à saúde, reforçando a importância de buscar alternativas seguras e valorizando a orientação profissional. A correlação dos principais motivos para automedicação, e principais classes utilizadas podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1: Motivos para automedicação e Classe Medicamentosa mais consumidas.



Fonte: Autoria própria (2025).

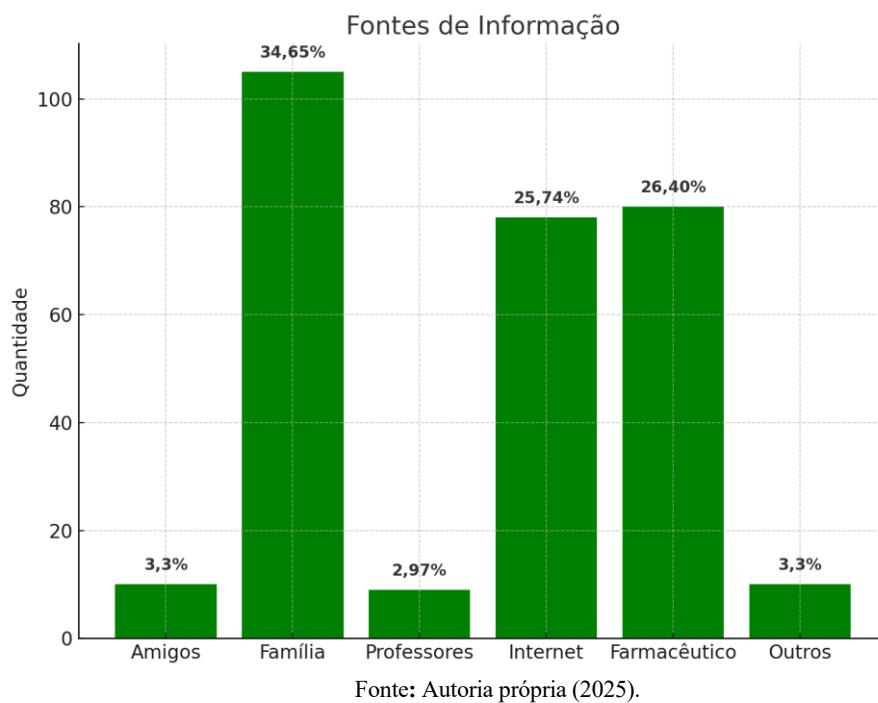
As três justificativas mais citadas pelos alunos para se automedicar foram: já conhecer o medicamento, falta de tempo para ir ao médico e a ideia de que os sintomas eram simples demais para uma consulta. Esses pontos mostram como a praticidade e a confiança em experiências anteriores acabam pesando mais que a busca por orientação profissional. Os profissionais possuem o dever de orientar a comunidade de que mesmo os medicamentos possíveis de adquirir sem prescrição médica, o uso deve ser racional e não os ingerir quando achar conveniente (Loyola, 2002). É notável a importância da inclusão dos profissionais para um processo de automedicação responsável. Normalmente, o indivíduo doente procura uma farmácia por se tratar de uma instituição de fácil acesso, nesse momento é necessário que o farmacêutico avalie a situação e se necessário, encaminhe o paciente para uma consulta médica (Zubioli, 2000). Caso forneça um medicamento, o profissional tem o dever de instruir a forma e o tempo de ingerir o mesmo, e também é importante explicar o objetivo da medicação para cada paciente e descrever no rótulo as informações para facilitar e não ocorrer erro na hora da administração (Katzung, 2005).

Porém, mesmo quando os sintomas parecem fáceis de resolver, a automedicação pode trazer riscos. Apesar de saberem dos perigos da automedicação (63,69%), um número significativo de alunos indicou ter sofrido reações adversas ao utilizar medicamentos sem a supervisão de um profissional (22,44%). Dentre as reações adversas, as mais citadas foram dor de cabeça (15%) e sono (19,14%). As consequências decorrentes da automedicação são variadas, podendo causar danos no tratamento posterior adequado para tal patologia, erro do diagnóstico da doença, dosagem errada, intoxicação, reações alérgicas (Lima, 1995, OMS, 2005).

Muitas vezes, diante de sintomas comuns como gripe ou dor de garganta, os brasileiros recorrem rapidamente à automedicação com medicamentos populares ou buscam orientação leiga de amigos, parentes ou farmacêuticos conhecidos. A indústria farmacêutica também é responsável pelo grande número de automedicação da população brasileira, o objetivo das indústrias é vender medicamentos, gerando consumo excessivo dos medicamentos (Burak & Damino, 2000). De acordo com

os dados obtidos na pesquisa, os alunos recorrem principalmente à família e aos Farmacêuticos como fonte de informação para a automedicação. A seguir, a Figura 2 apresenta as principais fontes de informações para os alunos.

Figura 2: Fontes de informação para automedicação entre os alunos.



4. Conclusão

Não há como acabar com a automedicação, talvez pela própria condição humana de testar e arriscar decisões. Há, contudo, meios para minimizá-la. Programas de orientação para profissionais de saúde, farmacêuticos, balconistas e população em geral, além do estímulo a fiscalização apropriada, são fundamentais nessa situação (Domingues, 2017).

O uso irracional de medicamentos evidente a partir da prática de automedicação constante entre a população, é uma problemática que, apesar de antiga, vem aumentando com o passar do tempo, conforme indicam pesquisas do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), que mostraram crescimento da automedicação de 76% em 2014 para 89% em 2022.

Os dados apresentados reforçam a necessidade de melhoria dos hábitos de utilização de medicamentos, tendo em vista que os profissionais da área da saúde devem exercer o papel de alertar a comunidade em geral quanto ao uso correto dos mesmos.

A automedicação entre os estudantes não deve ser tratada apenas como um hábito individual, mas sim como um fenômeno multifatorial que envolve aspectos culturais, retirando a necessidade dos métodos educativos de conscientização serem de ampla necessidade nessa população.

Referências

- Amaral, R. S. (2011). A prática da automedicação em alunos da EAJA em Escolas Municipais da Região Leste de Goiânia –GO. Monografia (Curso de Especialização em Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Biologia), Goiânia Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás.
- Aquino, D. (2008). A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhwPXqbz7QtmHJHQvz/?format=pdf&lang=pt>.
- Araújo Jr., J. C. & Vicentini, G. E. (2007). Automedicação em adultos na cidade de Guairaçá –PR. Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR. 11(2). 83-8.

- Behzadifar, M. (2020). Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. 26(7):846-57. oi: 10.26719/emhj.20.052.
- Brasil. Ministério da Saúde. (1998). Portaria nº 3.916, de 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. Diário Oficial da União, 215(1), 18. Recuperado em 18 de setembro de 2025, de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html
- Burak, L. J. & Damico, A. (2000). College students' use of widely advertised medications. J Am Coll Health. 49(3), 118-21.
- Costa Junior, V. S., Oliveira, A. L. R., & Amorim, A. T. (2022). Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. Research, Society and Development, 11(8), e11011830678. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30678>
- Cruz, E. de S., Silva, J., Augusto, V., & Coelho, A. (2019). Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas [Incidence of self-medication among university students in health and humanities]. Revista Saúde UniToledo, 3(1), 2-12.
- Domingues, P. H. F., Galvão, T. F., Andrade, K. R. C., Sá, P. T. T., Silva, M. T., & Pereira, M. G. (2015). Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: A systematic review. Revista de Saúde Pública, 49, 36. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049005709>
- Domingues, Paulo Henrique Faria, Galvão, Taís Freire, Andrade, Keitty Regina Cordeiro de, Araújo, Paula Caetano, Silva, Marcus Tolentino, & Pereira, Maurício Gomes. (2017). Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 26(2), 319-330. <https://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000200009>
- Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. (2022, 12 de junho). Pesquisa do ICTQ sobre automedicação é pauta de matéria especial em jornal de grande relevância em MG. ICTQ. <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/4437-pesquisa-do-ictq-sobre-automedicacao-e-pauta-de-materia-especial-em-jornal-de-grande-relevancia-em-mg>
- Katzung, B. G. (2005). Farmacologia básica e clínica. (9.ed). Editora Guanabara Koogan.
- Kedouk, M. (2016). Tarja preta: Os segredos que os médicos não contam sobre os remédios que você toma. São Paulo, SP: Abril.
- Lima, A. B. D. (1995). Interações Medicamentosas. v.1. Editora SENAC.
- Loyola Filho, A. I. et al. (2002). Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev. Saúde Públ. 36(2), 205-12.
- Oliveira, M. S. (2020). A interferência da propaganda na automedicação: Uma revisão de literatura (Monografia de Graduação). Faculdade Maria Milza.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.
- Príncipe, F., Oliveira, A. S. C., Silva, D., Silva, D. & Silva, T. (2020). Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. Revista de Investigação & Inovação em Saúde. 3(2), 21-8. Doi: 10.37914/riis.v3i2.82. <https://riis.essnortecvp.pt/index.php/RIIS/article/view/82>.
- Shitsuka, R. et al. (2014)./ Matemática fundamental para a tecnologia. (2.ed.). Editora Éri
- Simões, M. S. J. & Farache F. A. (1988). Consumo de medicamentos em região do estado de São Paulo (Brasil). Rev. Saúde Públ. 32, 43-9.
- WHO. (2000). Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication. Geneva. WHO.
- Zubioli, A. (2000). O Farmacêutico e a automedicação responsável. Pharmacia Brasileira.